

CIÊNCIA E PRECONCEITO: OMISSÃO E REITERAÇÃO. PARA ENTENDER AS QUESTÕES DE RAÇA E GÊNERO NO PENSAMENTO MÉDICO BRASILEIRO SOBRE A EPILEPSIA. 1859 – 1906.

Aluno: Aderivaldo Ramos de Santana
Orientador: Margarida de Souza Neves

Introdução

Esta comunicação é parte do Projeto Integrado de Pesquisa: *Ciência e Preconceito*, coordenado pela Prof.^a Margarida de Souza Neves e desenvolvido no Departamento de História. É a continuidade do trabalho com o sub-tema apresentado nas jornadas Pibic de 2005, que visa verificar como os preconceitos de raça e gênero estão presentes nos escritos médicos sobre a epilepsia no período compreendido entre a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do século XX.

No que diz respeito à raça, existe um silêncio nas teses médicas lidas sobre pacientes negros e escravos. Esse silêncio é considerado expressivo porque a questão racial é central para o pensamento social brasileiro da época, que considera a presença da raça negra um fator de degenerescência no Brasil e, no entanto, diante de uma doença que não discrimina negros e brancos, os médicos não podem escrever em suas teses que negros não são mais sujeitos à epilepsia que brancos: registram como “fatores predisponentes” o sexo, a idade, o clima, o temperamento e mesmo determinadas profissões, mas não a raça, o que é considerado um silêncio eloqüente. As primeiras referências a negros e escravos com epilepsia aparecem em teses do final do século XIX [1], período em que a instituição da escravidão sofria grandes transformações. Ainda que os escravos não fossem considerados pessoas pela sociedade escravista brasileira, o investimento na compra de escravos era muito significativo e, por isso, paradoxalmente eram sujeitos da medicina, da atuação dos médicos e do saber médico, sendo, inclusive, tema de teses de medicina[2]. A situação de saúde em que os escravos e, sobretudo, dos pretos livres se encontravam dentro e fora das fazendas no Rio de Janeiro e Bahia era precária e, em relação a eles é ainda mais clara a disputa e a porosidade entre a medicina e outras artes de curar [3]. Mesmo com a criação da Santa Casa de Misericórdia, dentro do período delimitado pela pesquisa poucos confiavam nos médicos que ali trabalhavam e muitos não tinham acesso a cuidados médicos.

Com relação ao gênero, a mulher é reiteradamente apontada como mais propensa à epilepsia do que o homem dado o que esses médicos consideravam ser a natureza frágil de seu sexo, as peculiaridades de seu temperamento e o funcionamento do ciclo feminino, e também é tida como a principal responsável por sua transmissão da epilepsia aos filhos, já que as teses demonstram a convicção médica da época de que a hereditariedade era o principal fator de predisposição a essa doença.

Objetivos

Os objetivos desse trabalho têm como referência os objetivos mais gerais do projeto de pesquisa *Ciência e Preconceito*. Esse sub-tema pretende identificar e analisar as possíveis relações entre o pensamento médico e o preconceito para com a pessoa com epilepsia, sobretudo no que diz respeito às questões de gênero e de raça. Os objetivos mais específicos podem ser definidos da seguinte forma:

- 1) Verificar como o preconceito de raça, constante na sociedade e no pensamento social brasileiro, aparece no pensamento médico da época representado pelas teses sobre epilepsia.
- 2) Identificar as questões de gênero da sociedade da época aparecem nas diversas formas de preconceito em relação à mulher com epilepsia nas teses e periódicos médicos do período.
- 3) Relacionar a existência de um silêncio expressivo nas teses sobre epilepsia no que se refere à questão racial com a prática escravista e a abundância de alusões à propensão feminina à epilepsia com a forma assumida pelas questões de gênero na época. Esse duplo movimento permite discutir como esses temas se apresentam na construção de tabus e preconceitos em relação à pessoa com epilepsia.

Metodologia

O diálogo com o historiador Robert Darnton, permitiu trabalhar com o silêncio das teses sobre epilepsia a respeito da raça a partir da idéia do “estranhamento” [4] que tal silêncio provoca, numa sociedade em que a questão racial era fundamental e em escritos científicos que conferiam à raça um lugar preponderante para os debates sobre a degenerescência.

Michel de Foucault nos possibilitou entender como o exercício da medicina está relacionado ao que esse autor denomina “biopoder” [5], que se traduz na criação de instituições (asilos e colônias) e ordenamento da sociedade (proibições e domínio sobre os corpos).

A partir desses conceitos é possível analisar o conteúdo das teses buscando ausências, reiteraões, alusões, eufemismos que permitem encontrar as formas evidentes e as mais sutis de como os preconceitos da sociedade estão presentes nas teses médicas e de que maneira, legitimados pela ciência médica, potencializam os preconceitos sociais já existentes.

Conclusões

A análise das teses sobre epilepsia permite relacionar o silêncio sobre questões raciais e sua associação com a condição de um grupo social determinado (negros e escravos).

A recorrente identificação entre a questão de gênero e a propensão à doença e sua transmissão parece demonstrar que a medicina incorporava o preconceito social de gênero, o que permite entender como a mulher com epilepsia estava duplamente discriminada - pelo gênero e pela doença - já que além de ser considerada um ser inferior, era, também, tida como especialmente sujeitas à epilepsia e transmissora do *grande mal*.

O trabalho está em andamento, e suas conclusões se traduzirão na monografia de final de curso de graduação.

Referências

- 1 - MANSO, Antônio Romualdo Monteiro. **Do diagnóstico e tratamento das diversas manifestações do histerismo e da epilepsia**. Faculdade do Rio de Janeiro: Tipografia Academia, 1874.
- 2 - JARDIM, David Gomes – **A Higiene dos Escravos**. Rio de Janeiro. 1847 tese (doutorado) – Faculdade de Medicina – Rio de Janeiro.
- 3 - RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos**, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1935.
- 4 - DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da historia cultural francesa**. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1986.
- 5 - FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976), Maria Ermantina Galvão (trad.), São Paulo: Martins Fontes, 2000.